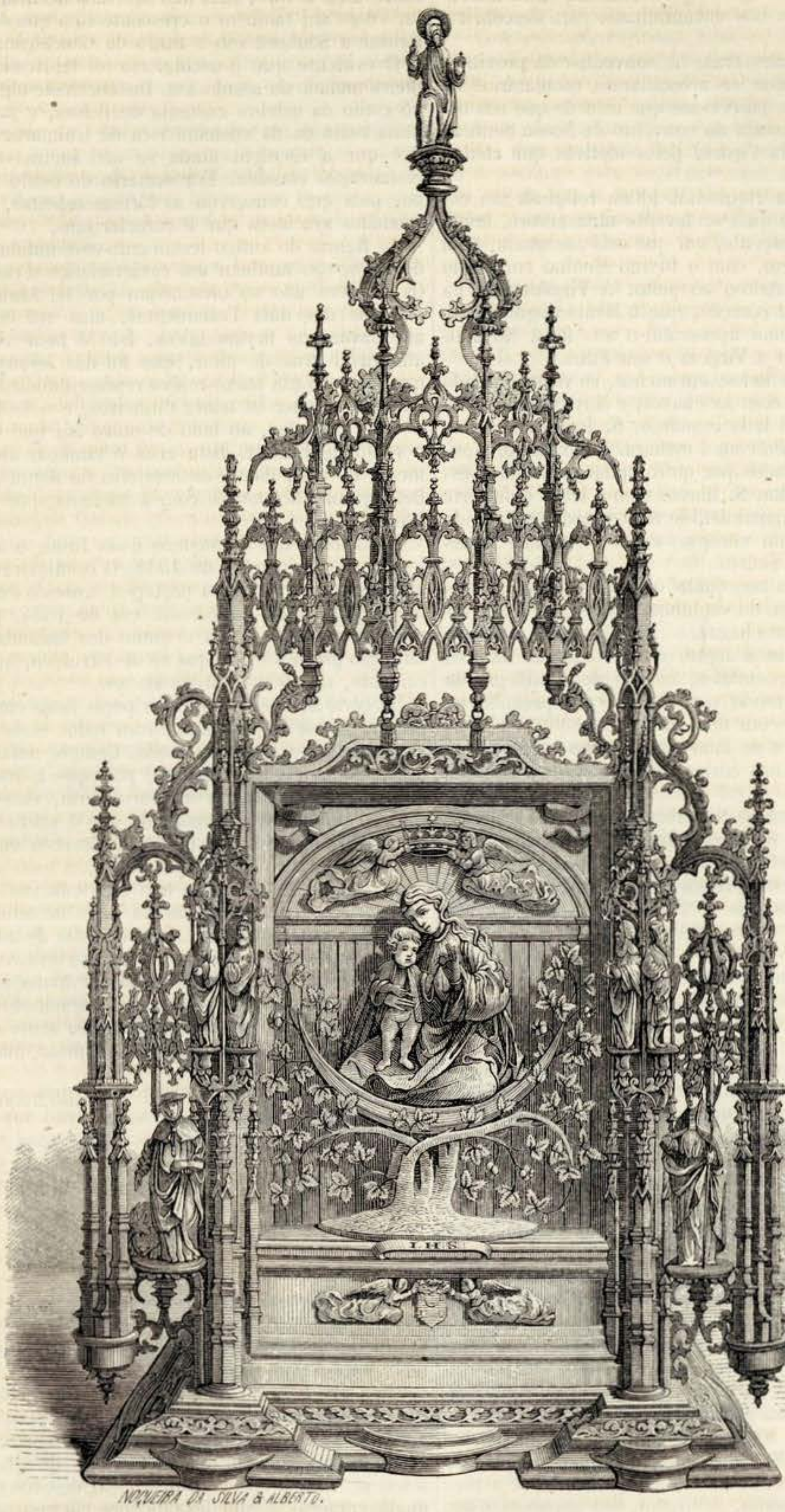


Osculatorio ou porta-paz do seculo XVI, que se guarda na casa da Moeda

O osculatorio cuja gravura apresentâmos, pertence á collecção de objectos preciosos dos extinctos conventos que se guardam na casa da Moeda, e é um dos de maior valia, pela belleza da sua estructura, e pelo delicadissimo lavor.

É de prata; pesa 17 marcos, 2 onç., 2 oit., 36 gr., isto é, perto de 4 kilog., e tem de alto 56 centimetros.

As unicas noticias que existem na casa da Moeda ácerca d'este osculatorio são, que deu entrada no estabelecimento em o dia 8 de junho de 1836, vindo

de um convento do Alemtejo. Nenhuma outra indicação achámos, que nos encaminhasse para descobrir a sua procedencia.

Já dissemos quaes eram os conventos da provincia do Alemtejo de que se arrecadaram osculatorios na casa da Moeda; e parece-nos que este de que nos occupâmos pertenceria ao convento de Nossa Senhora da Graça, de Villa Viçosa, pelos motivos que abaixo diremos.

Representa esta riquissima alfaia religiosa um como altar, sobre o qual se levanta uma arvore, tendo sobreposto no crescente, em que está assentada, uma imagem da Virgem, com o Divino Menino em pé no collo, e conchegando-o ao peito. A Virgem tem na mão esquerda um coração, que o Menino egualmente sustenta; e parecem apresental-o aos fieis. No alto, dois anjos coroam a Virgem e seu Filho.

Nos pilares dos lados, em nichos, se vêem, do lado direito, S. Pedro com as chaves, e Moysés com as taboas da lei; e do lado esquerdo, S. Paulo com a espada, e o rei David com a cythara. E em baixo, n'outros nichos, formados por outros pilares resaídos, estão, da parte direita, S. Marcos com o leão; e da parte esquerda, Santo Agostinho, de vestes episcopaes, tendo na mão direita um coração, como é costume representar este santo padre.

Por baixo do altar, junto á base, dois anjos sustentam uma coroa de espinhos, sobreposta n'um escudo com as cinco chagas.

No remate vê-se a figura do Salvador do mundo, como se usa representar-o, com o dedo pollegar da mão direita apontando para o ceo, e sopesando na esquerda o globo com uma cruz.

A parte superior ao altar não é como se apresenta na gravura: tem nas costas uma lamina lisa de prata até ao remate.

O nosso habilissimo desenhador, para mostrar melhor a delicadeza do lavor, apresentou-o sem a lamina. Cumpre advertir que a lamina se póde tirar, sem que se destrua esta preciosa peça, porque todos os mimosos bordados que se admiram na gravura são sustentados pelos pilares lateraes.

A imagem da Virgem e o Menino, bem como a arvore, são em vulto. O fundo parece ter sido doirado, e tudo o mais não tem doiradura. Está oxidado pelo tempo, mas é facil restituir ao metal a sua primitiva côr. Acha-se este bello specimen da arte de ourivesaría no seculo XVI em perfeito estado de conservação.

Dissemos que talvez esta riquissima peça pertencesse ao convento da Senhora da Graça, dos eremitas de Santo Agostinho de Villa Viçosa, por n'ella se ver a figura d'aquelle famoso e eloquentissimo escriptor ecclesiastico, e porque o convento mencionado foi muito favorecido pelos duques de Bragança, que o enriqueceram com preciosas alfaias. Isto é apenas uma supposição.

Procurámos descobrir qual será a invocação da Virgem representada no porta-paz, porque por ahi poderiamos talvez alcançar noticia do seu antigo proprietario. Mas tambem não foi possivel acharmos o fio que nos guiasse no embrenhado *Sanctuario Marianno*, sendo tantas e tão variadas as maneiras de representar a Virgem, e tão diversas as suas invocações.

A devoção dos antigos, engenhosa nas manifestações do culto á Mãe de Deus, imaginou mil lendas, todas mais ou menos graciosas, para excitar a piedade dos fieis. Assim, a Virgem, ora apparece n'um espinheiro, ora n'um zambujeiro, ora n'um sovereiro, ora n'uma lapa, ora n'um rosal, ora n'um rochedo, ora na praia sobre as aguas, e d'ahi se deriva frequentemente a sua invocação, acontecendo que é representada sobre a arvore ou arbusto em que primeiro se revelou.

No porta-paz, de que nos occupâmos, está a Virgem sobre uma arvore, mas não sabemos decifrar qual seja. Vê-se ahi tambem o crescente com que é costume figurar a Senhora sob o titulo da Conceição.

É evidente que o osculatorio foi fabricado na primeira metade do seculo XVI. Distanceia-se algum tanto do estilo da celebre custodia de Belem, e já se aproxima mais do da custodia rica de Guimarães. O artifice que a esculpiu ainda se não inclinava para a restauração classica. Era sectario do estilo manuelino, pois que conservou as fórmas esbeltas, e os arrendados graciosos que o caracterisam.

As figuras do antigo testamento confundidas com as do novo, são tambem um característico d'esse estilo. Os artifices não só mesclavam por tal fórma os assumptos dos dois Testamentos, mas até com estes alternavam os mythologicos. Isto é bem visivel na admiravel cruz de altar, que foi dos Jeronymos, na qual se acha um baixo-relêvo representando Judas depois de receber os trinta dinheiros, e o Senhor com a cruz ás costas, ao lado de outro em que se figura o rapto de Europa. Esta cruz é tambem um monumento de arte, doado ao mosteiro de Santa Maria de Belem, conjunctamente com a custodia, por el-rei D. Manuel.

A custodia dos Jeronymos é de 1506, e a da collegiada de Guimarães de 1534. O osculatorio que temos descripto não será posterior, antes o considerâmos anterior, ou da mesma era de 1534, pois que não lhe achámos ainda nenhum dos indicios da restauração greco-romana que se desenvolveu, mais francamente, no meiado do seculo XVI.

De certo será esta uma das peças mais curiosas do museu que se ha de fundar com todos esses objectos arrecadados na casa da Moeda. Cumpre notar que se deve suppor obra portugueza, pois que a arte da esculptura em metal, ou de ourivesaria, estava então mui adiantada em Portugal, do que é prova a custodia de Belem. Sempre esta arte floreceu entre nós; e se a estatuaria pouco prosperou, a esculptura em pedra, metal, ou madeira tem sido cultivada até aos nossos dias, com excepção da obra de talha ou relêvo em madeira, que decaíu por passar de moda. Admiram-se hoje os trabalhos dos nossos artifices canteiros e ourives, que produzem obras de maior perfeição.

Ainda teremos de voltar a este assumpto; e para então reservâmos varias considerações sobre o museu de antiguidades que se pretende organisar, mas que, a nosso ver, tarde será.

J. Ribeiro Guimarães.

MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

(Vid. pag. 162)

XIII

«Cinco tostões não duram eternamente, e a prova d'isso é que já tinham desapparecido. A miseria, que fugíra um instante espavorida, voltava de novo a bater á porta. Que remedio senão abrir-lh'a!

«Não era feliz no mendigar o meu pobre dono. Raras vezes obtinha o dinheiro sufficiente para comprar o necessario. Sua pobre filha melhorára sim, por um prodigio da natureza completamente desajudada da sciencia; mas a sua convalescença, desprotegida d'aquelle conforto, d'aquelles cuidados tão indispensaveis para o restabelecimento da saude, prolongava-se, apesar de todos os esforços que a animosa rapariga fazia para a resumir, e que, como é facil de suppôr, só contribuiam para a accrescentar. Queria pegar em trabalho, mas estava tão fraca, tão fraca que, apenas dava dois ou tres pontos, caía desmaiada sobre a costura, e assim passava os dias em continuados desfallecimentos.

«Seu pae tambem estava completamente impossibilitado de trabalhar. Eu chamei-o velho, porque com effeito os desgostos e as privações essa apparencia lhe haviam dado; mas não o era effectivamente. Ainda não contava cincoenta annos, e já não tinha na cabeça um só cabello preto.

«Despedido da fabrica de oleados em que trabalhava, porque a sua nimia fraqueza o tornava completamente improprio para os rudes trabalhos manuaes da fabrica, víra-se só com tres filhos, sem recursos, sem poder obter, n'um outro emprego mais suave, o pão para si e para elles.

«A sua completa ignorancia tornava-o improprio para qualquer trabalho que não fosse manual.

«Ó ignorancia, negra irmã da livida miseria!

«Como eu ia dizendo, eram poucos ou nenhuns os proventos que o pobre homem tirava da mendicidade. As comidas iam sendo cada vez mais frugaes, e a pobre rapariga, debilitada, enfraquecida, ia-se tornando cada vez mais incapaz de trabalhar.

«Admira-se de certo de eu continuar a existir n'uma casa onde reinava tão profunda miseria! Espanta-se de que me não tivessem vendido no dia immediato áquelle em que tinham gasto os cinco tostões. Eu lhe explico esse facto na apparencia incomprehensivel, eu lhe dou a chave d'esse enigma.

«O meu dono considerava-me, para assim dizer, como uma enviada de Deus, e não estava muito longe de imaginar que existisse no meu seio um anjo occulto. Tocar-me era quasi uma irreverencia, vender-me sería de certo uma profanação.

«Candidamente supersticioso, o bom velho tinha lá de si para si que eu, como mensageira que fôra de uma esmola providencial, não podia deixar de fazer a felicidade d'aquelles que me possuiam. Vender-me ser-lhe-hia tão difficil, como aos romanos cederem, em troca dos mais enormes thesouros, o palladio que fazia a republica invencivel. Eu era a égide da casa, em fim.

«Mas um dia o pobre pae de familias voltou mais triste e amargurado do que nunca. O dia corrêra-lhe como aquelle em que eu o tinha visto pela primeira vez, com a differença que nenhum garoto compassivo, enviado pela Providencia, se fôra esconder na ramaria de uma arvore protectora. O velho entrava pois em casa, sombrio, triste, como entraria uns poucos de dias antes, se não fosse eu apparecer-lhe inopinadamente.

«Entrou, sem dizer palavra. Dirigiu-se logo a um armario que havia na parede, onde eu habitava, e, tirando-me para fóra, disse-me, depois de me ter contemplado lugubremente alguns instantes:

—«Vae, pobre bolsinha, que me trouxeste momentos de allivio, e cuja côr suave me aconselha a esperança. A esperança?! não a posso ter já! Ai! a minha sina fatal é mais forte do que a tua benefica influencia! Ramo verde que uma pomba do ceo trouxe no bico a esta pobre arca, que vae sem rumo nas aguas de um diluvio de infortunios, enganaste-me involuntariamente! Não parou a tempestade! Nem ha de parar talvez! Vae, não procures luctar mais contra a minha má estrella! Vae, e que a tua mesma partida nos seja ainda bemfazeja! Os anjos de Deus, ou quando descem ao mundo, ou quando voltam ao paraiso, sempre enviam adiante, ou deixam após si, um rasto luminoso!

«E beijando-me com fervor, metteu-me no seio, e saiu.

«Foi triste a sua peregrinação á procura de um comprador que se resolvesse a dar por mim um preço razoavel. Todos, vendo-o assim pobre, mostrando no rosto livido a fome que o impellia a vender-me, offereciam, depois de me terem mirado com desdem, um preço tão baixo, que, fosse qual fosse a extrema necessidade que o meu dono tivesse de dinheiro, entendeu que me não devia deixar ir assim.

«Comtudo, percorriamos lojas e lojas, e nenhum dos donos d'ellas se resolveu a comprar-me. Pois eu não valia tão pouco como isso, e estou convencida que muitas das pessoas, a quem o velho mendigo me apresentava, desejariam ficar commigo. Rebaixavam-me muito, mas, segundo depois vim a saber, isso é trica de negociante para especular com a miseria. Sabem que, ainda que a sua primeira proposta repilla o vendedor, este, por fim de contas, sempre volta ou a acceital-a, ou a diminuir muito o preço que estabelecêra.

«Chamam elles a isso esperteza no negocio. E quem não quer não venha cá, accrescentam, terminando com a phrase pittoresca: «Eu não lhe puz a faca aos peitos». É regra estabelecida que o vendedor peça um preço exorbitante, e o comprador offereça um preço diminutissimo. Que venha á discussão, mesmo por acaso, o valor real do objecto, isso é raro. Um negocio de compra e venda é um jogo de azar em que dois jogadores trapaceiam. Ver qual dos dois ha de roubar o outro, *that is the question*. Nunca um só vendedor se lembrou de calcular: «Este objecto custou-me tanto, devo tirar o juro razoavel de tanto, logo vendo-o por tanto», e nem um real de mais, nem um real de menos; e o comprador de pensar: «Posso gastar tanto, se o objecto valer mais, não compro». Isso nunca; sem uma discussão preliminar, é semsabor o negocio. Se a invenção da moeda simplificou as relações mercantis, quanto as não simplificaria a invenção d'esta moeda dos corações nobres, que se chama «boa fé»!

«A antiguidade, que fez Mercurio o deus dos ladrões e dos negociantes, acertava devéras se accrescentasse — e dos consumidores.

«Desculpe estas reflexões um pouco prolixas; mas eu sou o Nestor das bolsas, e desde o celebre ancião homerico, cujas palavras eram doces como favos de mel, e que talvez por isso eram prodigalisadas por tal fórma pelo rei de Pylos, que não sei como os gregos não tomaram uma indigestão de melaço; desde esse vulto epico, todos os Nestores gostam de pregar grandes massadas. Eu não me podia esquivar á regra geral.

«Agora vou continuar.

«O meu dono luctou muito tempo contra a avidez dos compradores, e fez-lhes falhar os calculos. Saía das lojas com o desespero na alma, o rubor da indignação na fronte, e não voltava.

«Assim se passaram duas horas.

«O preço, que lhe offereciam, ia sempre diminuindo; por quê? Porque de cada vez a physionomia do mendigo se tornava mais livida. A anciedade pintava-se-lhe nas feições. Cada ruga de mais, que se lhe cavava na fronte angustiada, traduzia-se immediatamente em cinco réis de menos no preço que lhe offereciam.

«Finalmente, exhausto, prostrado, desfallecido, entrou n'uma ultima loja, e, quando entrou, deixou-se cair em cima de uma cadeira. As pernas recusavam-se a sustental-o mais tempo.

«Na loja estavam o mercador, e um freguez escolhendo não sei o quê. Sei apenas que era um rapaz de uma physionomia sympathica.

«Ambos olharam espantados para o pobre velho; mas o espanto do primeiro era um espanto encolerisado, o do segundo um espanto compadecido.

«O dono da loja receiava para as suas cadeiras o contagio da miseria. Que um cão se estirasse em cima d'ellas, passe; mas um mendigo!

«O meu dono estendeu-me com mão trémula para o logista, e disse com voz que mal se ouviu:

—«Eu desejava vender esta bolsa. Quanto me dá o senhor por ella?

—«Que diz vossê? — tornou o dono da loja com modos irritados. Falle de maneira que se entenda! Julga

que tenho ouvidos de pthisico? Graças a Deus sempre gozei de boa saude.

—«Desculpe-me, senhor, respondeu o meu dono fazendo um esforço sobre si mesmo para fallar com voz mais intelligivel, é porque estou muito fraco. Desejava saber quanto o senhor me dá por esta bolsa.

—«Ah! até que em fim! Não seria mau que vossê se levantasse, porque este senhor talvez se queira sentar.

—«Deixe estar o pobre homem, — interrompeu o freguez com vehemencia, não vê que mal se póde ter em pé. Coitado?

—«Pois sim, sim! — resmungou o logista, se toda a gente que não póde andar se me viesse pespegar nas cadeiras, estava eu arranjado. Mas vamos lá a ver a bolsa. Ah! está toda esfarrapada! que trapo! isto não vale cinco réis. Quanto quer vossê por isto?

—«V. s. dirá quanto quer dar por ella!

—«Eu! olhe, já lhe digo que não lhe dou mais de quatro vintens. Nem um real. Serve-lhe?

—«Quatro vintens por uma bolsa de seda, senhor! — tornou o meu dono com uma profunda accentuação de amargura na voz.

—«Sim! que ella está muito bonita. E quem me assevera que vossê não roubou isto? Nada, parece-me que nem os quatro vintens lhe dou.

—«Roubar! eu? — bradou o meu bom velho, erguendo-se indignado da cadeira.

—«Sim! sim! Eu já conheço essas capas de santidade. O senhor não póde imaginar, continuou elle, voltando-se para o freguez, quanto estes malandros são finos! Olhe, um dia d'estes...

—«Este homem não tem cara de ladrão, interrompeu bruscamente o desconhecido.

—«Muito obrigado, senhor, muito obrigado! — bradou o meu dono. Sirvam-me de consolação as suas palavras! Faz-me bem ouvil-as! Partem de um coração nobre.

—«Em fim, tornou o logista um pouco despeitado, se me quer dar a bolsa ahi tem os quatro vintens.

—«Que remedio, senhor! A necessidade é má conselheira! Ahi tem a bolsa! Sempre meus filhos não morrerão hoje de fome!

—«Não, interrompeu ainda o generoso rapaz, agarrando no braço do mendigo, não consentirei que se pratique um roubo assim na minha presença. Sou eu quem lhe compra a bolsa. Ahi tem dez tostões, é tudo quanto tenho commigo. Creio que a bolsa não valerá muito mais.

«E, pondo na mão do mendigo duas meias coroas, saíu levando-me comsigo, deixando o logista estupefacto, e sendo acompanhado pelas bençãos do velho.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

GUIMARÃES

S. MIGUEL DO CASTELLO

Este pequenino templo, de architectura singelissima, e de fabrica humilde, que ahi figura em a nossa gravura a par do velho alcaçar do conde D. Henrique de Borgonha, é um dos mais venerandos monumentos de Portugal.

Que importa que a arte o não fizesse bello, nem rico, nem grande, se o respeito de tantos seculos o fizeram illustre, e se, ainda mais que esse proprio respeito, algumas memorias historicas de alta valia o tornaram digno da attenção e do acatamento das gerações que umas após outras se vão succedendo em o nosso paiz?

Na opinião de alguns dos nossos antiquarios, pertencem a esta egreja as honras de primaz entre todas as parochias do arcebispado de Braga. Mas o que é certo, e lhe basta para documento da sua muita antiquidade, é ter sido parochia da villa velha de Guimarães, anteriormente á fundação da monarchia. Porém outro é ainda o seu maior brazão.

No seculo XI, gozando da preeminencia de capella real do conde D. Henrique, e de sua mulher, a rainha D. Thereza [1], que viviam no visinho castello, forneceu a agua do baptismo ao infante que os portuguezes levantaram por seu primeiro rei. Esta honrada memoria vale bem, ou diremos antes, vale mais que quantas grandezas e magnificencias o edificio podesse ostentar. Vale muito mais, certamente, porque commemora o nascimento para a graça christã de um verdadeiro heroe, campeão da cruz, paladino da patria, anjo da victoria, a quem Deus armou o braço para expurgar esta terra dos agarenos que a tinham avassallado, e a quem deu força para fundar uma monarchia, não só em favor de uma familia, mas tambem em beneficio da independencia de uma nação.

Libertando, pois, o solo da patria da oppressão estranha, e assentando a autonomia do povo portuguez em bases tão solidas, que não tem podido destruil-a as ambições e esforços de inimigos poderosos, nem os vae-vens da fortuna no decurso de mais de sete seculos, em que tantas nações, incomparavelmente maiores que a nossa, tem perdido a existencia politica; D. Affonso Henriques adquiriu gloria mais fulgente do que a de simples conquistador; mais brilhante do que a sua coroa de rei. A sua gloria é brazão que nobilita o berço da monarchia; é reflexo que doira as paginas da nossa historia; é luz que nos deve alumiar para a conservação da nossa independencia; e será como sol que nos mantenha sempre quente no peito o amor da patria e da liberdade.

É Guimarães uma das terras do nosso paiz cujas antiguidades tem sido mais investigadas. Varios archeologos distinctos se dedicaram a esse estudo, em differentes epochas já remotas, publicando depois o fructo das suas lucubrações. E todavia nenhum auctor nos dá noticia da fundação da egreja de S. Miguel do Castello, apesar de serem tão minuciosos na da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, que precedeu aquella.

Entretanto boas razões fazem suppor que a egreja de S. Miguel foi erigida no segundo quartel do seculo X. A collegiada de Nossa Senhora da Oliveira foi primitivamente mosteiro duplex de frades e freiras da ordem de S. Bento, e este teve por fundadora, no anno 927, a condessa D. Mumadona, tia de Ramiro II, rei de Leão, e viuva de D. Hermenegildo, conde de Tuy e do Porto. O mosteiro deu origem á povoação, que, attrahida da caridade de D. Mumadona, veiu sentar-se á sombra de seus muros, d'onde depois se estendeu até se pôr ao abrigo do castello que a mesma condessa edificou para defesa d'aquella casa religiosa.

Sendo este o principio da villa de Guimarães, é certo que a egreja de S. Miguel, primeira parochia da villa, já existia quando o conde D. Henrique de Borgonha e sua esposa entraram na posse do condado de Portugal, em 1093. Porém a porta principal do templo revela uma data posterior, pois que a sua fórma ogival pertence a um estilo de architectura que, como já temos dito e repetido, foi introduzido em Portugal annos depois da morte do conde D. Henrique, durante a regencia da rainha D. Theresa, ou no governo de seu filho D. Affonso Henriques.

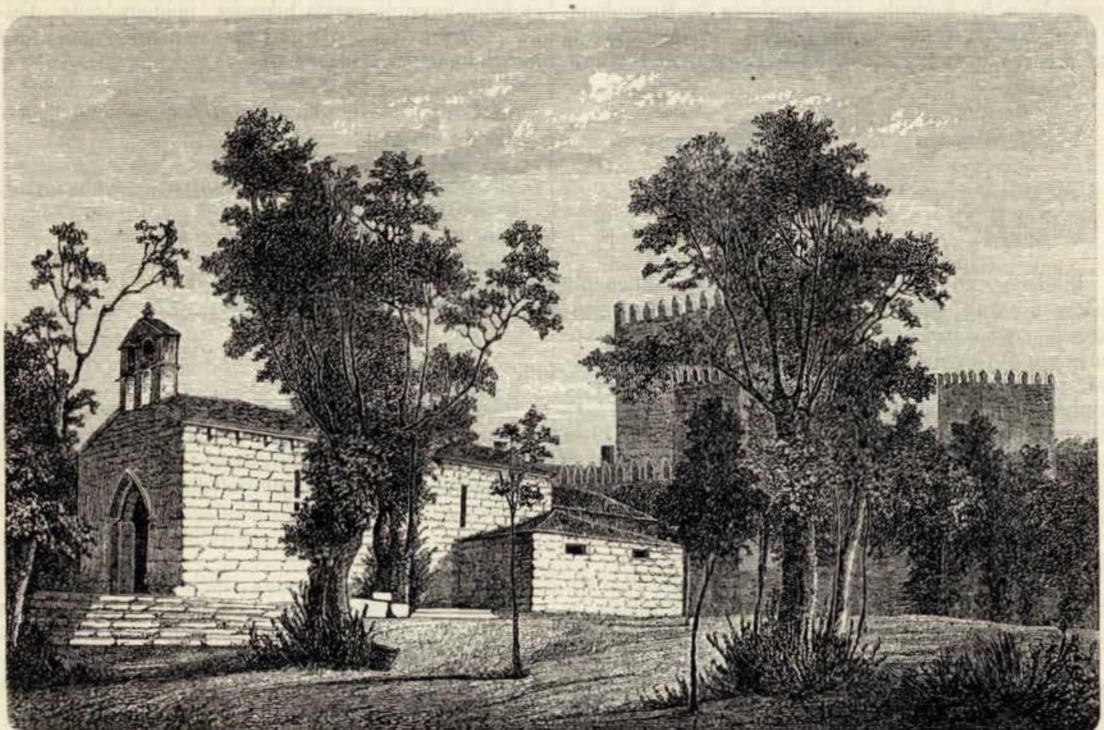
Não está averiguada a epocha precisa da sua introducção, mas sim que isto se realisou em um dos dois citados periodos da nossa historia. Anteriormente a architectura em voga era a *normanda*, á qual hoje

[1] Pouco depois passou aquella preeminencia, por mercê do mesmo conde D. Henrique, para a egreja de Nossa Senhora da Oliveira.

alguns chamam impropriamente *gothico-normando*. Raros vestigios conserva o nosso paiz d'esta architectura, e esses poucos pertencem a edificios, que ainda mesmo em novos eram mesquinhos. Porém, sem ser necessario passar além dos Pyreneos, encontram-se muitos specimens completos d'este estilo. A Hespanha, que é mui rica em monumentos de todas as idades, desde a dominação romana, possue alguns templos de architectura normanda, bem conservados, e que em relação á epocha em que foram erigidos podem ser classificados como grandiosos. Em todos esses edificios ver-se-hão, de ordinario, as portas de arco de volta redonda, e nunca ogival, e as janellas ou frestas tambem com a mesma fórma, ou com a verga direita, como se póde observar nas janellas do paço do conde D. Henrique, no castello de Guimarães, e nas frestas da visinha egreja de S. Miguel.

Portanto, se a rainha D. Theresa, ou seu filho D. Affonso Henriques fizeram, como parece certo, obras de reedificação n'este templo, não seremos exaggerados attribuindo a sua fundação ao meiado do seculo X, o que lhe dá uma existencia de dois seculos, ou pouco menos, ao tempo d'aquella reconstrucção. Não é provavel que precisasse de similhante obra, tendo menos edade, ainda que se tome em conta a pequenez do edificio, pois que se a fabrica é acanhada, não lhe falta comtudo solidez, porque é toda construida de grandes pedras de cantaria.

Excluimos tambem a idéa de que a dita reedificação fosse emprehendida posteriormente ao reinado de



Egreja de S. Miguel e castello de Guimarães

D. Affonso Henriques, porque, sendo a egreja de S. Miguel uma abbadia antigamente apresentada pelo dom prior de Guimarães, não se acha noticia d'aquella obra no archivo da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, como era uso fazer-se n'essas eras.

O archivo d'esta collegiada é dos mais ricos em documentos antigos que ha no reino; e póde dizer-se que é dos mais completos, porquanto, tendo escapado ás devastações e descaminhos que tem empobrecido tantos outros, conserva ainda todas as escripturas, doações, privilegios, memorias, etc., desde o tempo da condessa D. Mumadona, não só pertencentes á egreja da collegiada propriamente dita, mas tambem respectivas ás egrejas que foram da apresentação do seu dom prior.

A singeleza da architectura do templo de S. Miguel está retratando bem ao natural o viver da geração que o levantou, e ainda o da sociedade portugueza, quando o arcebispo de Braga, S. Geraldo, n'elle baptisou a D. Affonso Henriques, correndo o anno, que se tem por mais provavel, de 1094.

Como documento da sua muita antiguidade mostra o templo exteriormente, na parede lateral opposta á que a nossa gravura representa, uns tumulos de pedra, mettidos em arcos abertos no grosso da mesma parede. Tambem existem d'essa era remota varias sepulturas no adro.

Interiormente tudo alli respira humildade e pobreza. Além da capella-mór tem dois altares, collateraes, mas collocados no corpo da egreja. O da parte do evangelho é dedicado a Nossa Senhora da Graça, e o da parte da epistola a Santa Margarida, de quem o povo é ou foi tão devoto, que estendeu a sua invocação ao templo, de sorte que ao presente é mais conhecido pelo titulo de Santa Margarida, do que pelo nome do seu verdadeiro orago.

Em 1664 foi despojada esta egreja da sua maior preciosidade archeologica. D. Diogo Lobo da Silveira, dom prior da collegiada, fez transportar a pia em que o nosso primeiro rei recebeu a graça do baptismo para a sua egreja de Nossa Senhora da Oliveira. [1] E por essa occasião, ou, talvez, em tempos mais modernos, crendo-se que tão honrada memoria precisava de ser enriquecida com ridiculos arrebiques, cobriram o tosco granito com doiraduras e pinturas ainda mais toscas, que foram renovadas não ha muitos annos, e que lá estão dando testimunho tanto do nosso atraso e mau gosto em assumptos de arte, como da irreverencia e desprezo com que tratâmos os pa-

[1] Vid pag. 355 do vol. IV.

drões historicos, que merecem o nosso acatamento. O que se praticou com aquella veneranda antigualha é a todos os respeitos uma verdadeira profanação, que só póde encontrar desculpa, não na sinceridade da intenção, mas sim na rudeza dos tempos, ou na ignorancia dos homens.

Entre os privilegios que desfructou a egreja de S. Miguel, contava-se a grande prerogativa de ser immediata ao papa, e por conseguinte isenta da jurisdicção dos arcebispos de Braga. Tambem lhe serve de titulo honorifico o seu *hospital do Anjo*, cuja fundação por muito antiga é desconhecida.

A egreja de S. Miguel é hoje uma das cinco parochias da cidade de Guimarães. Do castello visinho já tratámos a pag. 204 do vol. VI. Mas, tendo-nos esquecido declarar a sua invocação, aproveitâmos o ensejo para reparar esta falta. Foi o castello consagrado a S. Mamede pela condessa D. Mumadona. Consta isto do testamento da fundadora, que se guarda no archivo da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

I. DE VILHENA BARBOSA.

VICTOR HUGO

(Vid. pag. 158)

XXXII

Dissemos, no primeiro capitulo, que seria altamente honroso para qualquer individuo estar em correspondencia com o rei dos poetas, Victor Hugo. Conhecemos em Portugal tres pessoas que gozam d'essa honra, por causas diversas, não fallando de francezes emigrados que, por motivo politico ou por differentes circumstancias, tem estado e estão em relações mais ou menos intimas com o expatriado de Hauteville-house.

Estas pessoas são: a exc. sra. D. Maria Helena Bon de Sousa, o sr. Antonio Feliciano de Castilho, e o que escreve as presentes linhas.

Compozera a sra. D. Maria Helena, aos dezeseis annos, uma sentimental poesia em francez intitulada *La prière*, que dirigiu a Victor Hugo, pedindo-lhe, em compensação, uma estrophe para o album, a fim de possuir a letra do egregio escriptor. Victor Hugo não tardou em agradecer á joven e gentil poetisa portugueza a sua dadiva, e mandou-lhe, ao mesmo tempo, a estrophe cujo assumpto alludia delicadamente ao da poesia offerecida.

Possuimos hoje a carta e a estrophe, que ainda não foram publicadas, por feliz casualidade e pela extrema benevolencia de um bom amigo [1]; por isso as

[1] Obtivemos com difficuldades a carta e a estrophe que publicâmos. Sabiamos que a exc. sra. D. Maria Helena Bon de Sousa, extremosa filha do honrado e fallecido tenente general barão de Pernes, era de rara modestia, e que a ninguem ainda tinha dado cópia dos autographos estimaveis do grande poeta. Dirigimo-nos, por isso, a um respeitavel ancião, tio da joven poetisa, e pedimos-lhe que solicitasse de sua excm. sobrinha a copia de que careciamos para o *Archivo*, mas não alcançámos resposta satisfactoria.

Iamos perdendo de todo a esperança de enriquecer esta noticia, com a cópia dos referidos autographos inéditos que desejavamos juntar aos que já tinhamos obtido com a maior promptidão e cortezia do nosso mestre e amigo A. F. de Castilho, quando, regressando para Lisboa no mez de junho passado, de uma viagem ao Porto, por feliz acaso a primeira pessoa que encontrámos em Coimbra foi o distincto inspector de minas e nosso antigo amigo, João Baptista Schiappa de Azevedo, casado desde 1862 com a exc. sra. D. Maria Helena Bon de Sousa. Logo que o vimos expozemos-lhe, com muita instancia, a nossa pretenção, e elle asseverou-nos que trataria de vencer a modestia de sua esposa, e que certamente havia de ter a cópia solicitada. A palavra cumpriu-se, como esperavamos, sem demora. Ao chegarmos a Lisboa recebemos uma carta de João Schiappa em que, sob data de 23 do mez indicado, nos diz:

«Meu caro Brito Aranha — Em cumprimento dos seus desejos envio-lhe o fac-simile da carta que o grande poeta enviou a minha mulher, em resposta a uma poesia que esta senhora lhe dirigiu, na edade de 16 annos, intitulada *La prière*. Vae tambem cópia da estrophe que V. Hugo mandou para o album, cujo assumpto tem, como vê, delicada allusão ao da poesia.

«Minha mulher possue tambem um retrato photographico de Victor Hugo tirado por um de seus filhos. Se d'elle precisar para ter alguma copia, está ás suas ordens, e n'esse caso eu o levarei brevemente para Lisboa, onde fallaremos»...

estampâmos com duplicado prazer n'estas paginas. Eil-as:

«Hauteville-house, 16 octobre 1859.

«Mademoiselle — Vos vers charmants et votre douce lettre ne me sont parvenus que ces jours derniers. Je m'empresse de vous répondre et de vous remercier. Vos vers, défectueux sans doute pour un puriste français, sont empreints d'un charme inexprimable. On y sent quelque chose de plus même qu'un cœur, on y sent une âme.

«C'est que vous êtes en effet l'âme vierge, l'âme ange; et qu'au fond de votre pensée, doux sanctuaire, la poésie est en fleur.

«Si mes travaux et mes devoirs me permettaient, comme j'en ai l'espérance, d'aller prendre un jour quelques mois de repos sous le soleil de votre noble et beau pays, je serais heureux, mademoiselle, d'aller mettre à vos pieds tous mes remercîments et tous mes hommages. — *Victor Hugo*».

«Voici la strophe que vous voulez bien me désirer écrite de ma main.

«Il n'est rien ici-bas qui ne suive sa pente;
le fleuve jusq'aux mers dans les plaines serpente;
l'abeille sait la fleur qui récèle le miel;
tout aile vers son but incessamment retombe;
l'aigle vole ao soleil, le vautour à la tombe,
l'hirondelle au printemps, et la prière au ciel.

«*Victor Hugo*».

O sr. A. F. de Castilho tem tres cartas de Victor Hugo. A primeira foi-lhe dirigida em março 1859, quando o nosso eminente poeta enviou para Hauteville-house uma de suas mais notaveis obras. É a seguinte:

«Al senhor Castilho

«Hauteville-house, 6 mars 1859.

«Poëte — Je vous remercie. Je sais tout ce que vous êtes; et les grands aveugles comme vous, s'ils n'ont pas de regard, ont un rayonnement.

«Je serre avec effusion votre noble main. — *Victor Hugo*».

Em maio do mesmo anno o sr. A. F. de Castilho enviou ao grande poeta um retrato litographado [1], na parte inferior do qual inscreveu a seguinte dedicatoria:

VASSALAGEM AO REI DOS POETAS
VICTOR HUGO
D'ESTE MODO AO MENOS O ACOMPANHARÁ
NO SEU NOBRE EXILIO
A. F. DE CASTILHO.

Em junho 1859, o illustre expatriado de Hauteville-house agradeceu a nova offerta com a seguinte carta:

«Exmo. Senhor Castilho

«Hauteville-house, 12 juin 1859.

«Je reçois le nouvel envoi avec le plus vif et le plus reconnaissant intérêt.

«Encore un remercîment que j'envois à l'éminent poëte du Portugal.

«*Ex imo corde*. — *Victor Hugo*».

Em outubro do mesmo anno, o sr. Castilho recebeu a terceira carta de Victor Hugo. O grande poeta fran-

[1] Este retrato é o que foi lithographado em Paris para a edição dos *Amores de Ovidio*, impressa no Rio de Janeiro em 1858.

cez recommendava ao grande poeta portuguez um artista emigrado, digno de toda a consideração. Era o sr. A. Fillon, photographo. [1] A carta é a que em seguida transcrevemos:

Excmo. Senhor Castilho

«Hauteville-house, 15 octobre 1859.

«Monsieur et très-éminent confrère—Permettez-moi d'introduire près de vous M. Fillon, proscrit français, auquel votre honorable bienveillance pourrait être utile. Je n'ai pas l'honneur de connaître personnellement M. Fillon; mais plusieurs de mes plus respectables amis me le recommandent et me le présentent comme tout-à-fait digne de votre intérêt.

«Recevez, je vous prie, la nouvelle assurance de mes sentiments de haute considération.—*Victor Hugo*».

O que escreve estas linhas tem duas cartas de Victor Hugo. Uma, a respeito de assumpto politico, foi recebida em 12 de junho 1862, e encontra-se em diversas gazetas d'aquella epocha; a outra, inédita, foi recebida em abril do anno corrente, depois de publicado o primeiro capitulo d'esta noticia biographica, em resposta á que lhe escrevêramos pedindo que nos confirmasse a fundação do seu instituto para a educação da puericia. Reproduzimol-a por uma só e mui forte razão; porque testimunha que o que sabe apostolar tambem sabe praticar. Aproveitem-se da lição os que souberem, e sigam o exemplo os que poderem.

Eis a carta:

«Hauteville-house, 8 avril 1864.

«Monsieur Brito Aranha—Je commence par vous remercier. J'ai lu votre premier article, et j'en suis vivement touché. J'y sens une adhésion généreuse aux principes pour lesquels je combats. Vous mettez votre noble esprit au service des idées de progrès, de droit et de liberté. Je vous félicite.

«Le fait au sujet duquel vous me faites l'honneur de m'écrire est simple. J'ai pris quarante enfants pauvres, tous, plus ou moins, atteints de l'étiolement lamentable de la misère qui attaque les sources de la vie. Toutes les semaines, j'en fais diner chez moi vingt; de la sorte le même enfant revient tous les quinze jours. On leur donne de la viande et du vin. Depuis deux ans, la santé de mes quarante enfants s'est ameliorée profondément. La plupart des symptômes scrofuleux ou autres, qui pouvaient inquiéter, ont disparu. Ils deviendront des hommes sains et valides et des êtres robustes, cela invite à être bon: à toute diminution de souffrance correspond une augmentation de moralité. Je veille à ce qu'ils apprennent à lire et à écrire.

«Cette petite institution a cela pour elle qu'il est facile de l'imiter. Elle ne vaut que comme exemple, elle est peu de chose si elle ne franchit pas les limites de ma maison, mais étendue et developpée sous une grande échelle, elle rendrait des services. Elle ferait disparaître de la société la plus poignante et la plus imméritée des misères, la misère des enfants, et par l'amélioration de l'enfant, elle aménerait l'amélioration de l'homme.

«Je vois avec plaisir que l'idée germe, et que mon diner des petits pauvres est imité sous plusieurs points déjà, notamment á Londres et, dans de grandes proportions, par une société de souscripteurs que dirige un honorable pasteur protestant, M. Thomas Wodehouse. J'ajoute que, l'hiver, je donne à mes quarante enfants des vêtements et des souliers.

«Voilà, monsieur, les renseignements que vous voulez bien me demander. Je serais heureux que cette idée simple, mais utile, fut adoptée et propagée dans le noble Portugal, dont vous êtes le fils et dont je suis l'ami.

«Recevez, monsieur, avec mes profonds remercîments pour votre biographie excellente, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.—*Victor Hugo.*

«*P. S.* Quand vous verrez votre éminent e cher poëte Castilho, aveugle comme Milton, transmettez-lui mon serrement de main.—*V. H.*»

(Continua) P. W. de Brito Aranha

[1] O sr. Alfredo Fillon, quando veiu para Portugal, em setembro 1855—depois de sair da Belgica onde os emigrados francezes não podiam então viver—não conhecia a arte que hoje cultiva com tanto primor. O Porto foi a primeira cidade onde residiu, e para logo estabeleceu relações com José Estevão Coelho de Magalhães, e com outros cidadãos prestantes e distinctos do nosso paiz, com os quaes tem conservado amizade até agora.

Vendo o desenvolvimento que ia tomando a utilissima arte photographica, lembrou-se de estudal-a, e com esse intento saiu para Inglaterra, onde esteve algum tempo, e d'ahi o sr. Ennette de Kestler, litterato amigo de Victor Hugo, pediu a carta que foi entregue ao sr. A. F. de Castilho.

Quatro annos depois, em 1859, o sr. A. Fillon estabelecia o seu bem conhecido, excellente, e acreditado *atelier photographique* na rua das Chagas, em Lisboa. Esta officina está provida como as melhores da Europa; e ainda se desenvolverá mais, por quanto o seu proprietario foi ultimamente a Paris e a Londres, onde devia fazer acquisição de machinas aperfeiçoadas e ter conhecimento dos novos processos da photographia.

BRASIL

ESTRADA NORMAL DE PETROPOLIS AO JUIZ DE FÓRA

(Vid. pag. 129)

No outro dia, pela manhã (25 de junho), foram suas magestades e altezas visitar a colonia agricola allemã de D. Pedro II. O modo por que os colonos allemães receberam e festejaram a familia imperial tem para nós tanta novidade e revela costumes tão singelos, ou tão curiosos, que os nossos leitores não nos levarão a mal, certamente, que juntemos aqui a seguinte noticia d'essa recepção e festejos, extrahida de uma descripção da viagem do imperador publicada no Rio de Janeiro por essa occasião.

VISITA Á COLONIA DE PEDRO II. ALMOÇO NO MATTO VIRGEM EXCURSÃO AO ALTO DO IMPERADOR

«Á porta do paço do imperador apresentou-se, seriam oito horas, a caleça de suas magestades e altezas, e uma diligencia, além de alguns cavallos de montaria. Vinte minutos depois, sua magestade a imperatriz e suas altezas metteram-se na caleça, as suas damas na diligencia, e o imperador montou a cavallo, com o ministro da justiça e os seus semanarios, tomando o caminho da colonia de Pedro II. Cem cavalleiros, que esperavam junto ao arco fronteiro á residencia imperial, formaram o prestito.

«A estrada da colonia tem começo entre a estação do Juiz de Fóra, e a olaria da companhia. Nas proximidades d'esta existe grande numero de habitações occupadas por colonos operarios, que apenas cultivam pequenas hortas para seu uso.

«Subindo sempre pelo caminho principal da colonia, e atravessando mattarias, apenas derrubadas em mui limitada extensão, segundo as exigencias das plantações que podem fazer os colonos estabelecidos na lavoira, chegaram as augustas pessoas e sua comitiva á colonia n. 107, pertencente ao velho Freese, apontado como um modêlo de morigeração, de dedicação ao trabalho, e de amor á familia.

«Apearam-se ahi, sendo recebidos pelo bom Freese, sua mulher, e sete filhos. O imperador, tendo percorrido o terreno cultivado por este colono, e sua habitação, tornou a montar a cavallo, e foi examinar outras colonias situadas nos arredores.

«Sua magestade a imperatriz e princezas demoraram-se, e visitaram os commodos da casa, paiol, moinho, creação de abelhas e animaes domesticos, provando pão de milho feito alli, e mel: voltou depois o

imperador, e seguiram todos viagem, subindo sempre.

«Ás dez horas e meia chegou a familia imperial ao ponto em que devia servir-se o almoço. Ahi foi recebida com grande enthusiasmo pelos colonos reunidos para esse fim, e por grande numero de pessoas que tinham ido áquelle logar attrahidas pelo desejo de presenciarem uma festa no matto. Os colonos de ambos os sexos, dirigidos pelo seu director e cura, formaram alas, por entre as quaes passaram suas magestades e altezas e o seu sequito. Mais adiante estavam duas companhias de caçadores uniformisados e armados com espingardas, compondo-se de tyrolezes e allemães de diversos paizes.

«Em quanto suas magestades e altezas, rodeadas de cidadãos e colonos, se embrenhavam no bosque, o sr. general Calmon Cabral commandou algumas evoluções das duas companhias de caçadores, que o não deixaram de satisfazer.

«No logar destinado ao almoço notavam-se duas mesas rusticas, construidas de paus roliços ainda cobertos de casca, e cercadas de bancos da mesma especie, com os encostos tecidos de cipó. Por toalhas folhas de palmeira, sobre as quaes descançavam em alvos guardanapos os assados, presuntos, tortas, e outras peças. Os copos eram gomos de taquara, cortados de conveniente grandeza: as garrafas grandes gomos da mesma taquara, entre dois nós, tendo ao lado, na parte superior, uma pequena abertura por onde saía a agua cristallina.

«E tudo isto se passava no matto virgem, tão limpo, que por toda a parte se podiam dirigir os passos desembaraçadamente.

«Um caminho tapetado com folhas de palmeira indicava que havia que admirar por alli. Na extremidade estava uma cascatinha feita com gosto, em sitio pittoresco, onde abundam parasitas. A agua só tinha o inconveniente de estar gelada.

«Pouco antes do almoço haviam chegado duas filhas do colono Freese, trazendo em cestinhas pão de milho, mel e batatas doces cozidas. Durante o almoço tocou a musica da colonia.

«Ás onze horas e meia o imperador montou a cavallo acompanhado do ministro da justiça, camarista, commendador Ferreira Lage, e algumas outras pessoas, e foi percorrer o mais remoto quarteirão da colonia. Voltou d'ahi a meia hora, e partiu de novo a fim de ir visitar a parte da colonia que lhe faltava ver. Seguiu sua magestade por caminhos abertos através de mattas virgens, onde se estão construindo casas de madeira, entre derrubadas [1], signal de que a colonia não deixa de prosperar. As terras parecem excellentes.

«No entanto sua magestade a imperatriz e altezas percorreram o bosque, e visitaram a cascatinha e seus encantadores arredores.

«Um dos episodios mais agradaveis foi o coro dos tyrolezes, mettidos no matto, ao qual respondia em echo a banda de musica collocada na estrada. Chegando o imperador, demorou-se a gozar de tão linda festa.

«Ás duas horas e meia partiram suas magestades e altezas d'aquelle sitio encantador, que se ficou chamando *bosque da Imperatriz*. Em uma das mais frondosas arvores será gravada uma inscripção que recorde o passeio imperial.

«Ao chegar á margem do ribeirão da Cachoeira separou-se a comitiva em dois grupos. Sua magestade a imperatriz ficou com suas altezas e pessoas do seu sequito. O imperador seguiu com os cavalleiros por caminho que não admitte carros, a fim de ir a uma pedra notavel por sua elevação e vista, onde chegou ás tres horas e um quarto.

«No cume da montanha achava-se levantado um pavilhão octogono, cujas columnas eram palmeiras, ligadas por arcos de flores. No centro havia um mastro mais alto do que as palmeiras, no qual tremulava a bandeira auriverde. A base do mastro estava circulada de assentos. D'este logar, elevado 2:500 pés inglezes acima do nivel do mar, goza-se do mais delicioso panorama; vê-se a cidade de Parahybuna e sitios circumvisinhos, as terras de Minas Geraes e do Rio de Janeiro, e seus risonhos montes e serras.

«O imperador, tomando o album e lapis, sentou-se, e desenhou os contornos dos pontos mais salientes e notaveis. Ao pé de sua magestade estava uma mesa coberta de papel em que se via desenhada a rosa dos ventos, tendo á roda indicados os rumos do *Ouro Preto*, *Queluz*, *Barbacena*, *S. João d'El-rei*, *Valença*, *Vossouras*, *Mangaratiba*, *Santa Cruz*, *Rio de Janeiro*, *Nictheroy*, *Petropolis*, etc. O logar encantador recebeu do sr. commendador Ferreira Lage a denominação de *alto do Imperador*.

«Ás quatro horas e meia deu sua magestade o signal da partida, e todos o seguiram. Entretanto sua magestade a imperatriz adiantou-se, indo parar no ponto em que se descortina o valle do *Juiz de Fóra*.

«Reunida a familia imperial seguiu com a sua comitiva para o *Juiz de Fóra*, onde chegou ás cinco horas e meia da tarde.

Pelas sete horas da noite vieram os tyrolezes e os outros colonos allemães agradecer a visita imperial á colonia. Era a procissão á moda da Allemanha, de mais de duzentos fachos. Dirigiu-se ao paço imperial, que rodeou; e chegando as augustas pessoas ás janellas foram recebidas com acclamações. Seguiu a procissão pela alameda da retaguarda da residencia, e desappareceu. Pouco depois surgiu no alto da collina um mar de fogo, que em ondas agitadas se quebrava contra as bases do castello. Era a procissão que, tendo passado por detrás da montanha, rodeava o castello, meneando os fachos. Depois via-se na collina ondulando uma serpente de fogo, a qual atravessou o jardim em linha sinuosa, passou as pontes, os arcos, foi além do coreto, formando a final um circulo. Deu então o director da colonia, Kufa, um *viva o augusto protector da nossa colonia!* enthusiasticamente repetido por todos os colonos, que atiraram ao ar os fachos, formando com elles uma fogueira.

«Pelas 9 horas, antes de se retirarem os colonos ás montanhas, formaram nova procissão de archotes, e dirigiram-se á casa do commendador Ferreira Lage, que victoriaram. A illuminação geral da estação repetiu-se esta noite tão brilhantemente como na primeira. E grande foi o concurso do povo».

Regressou a familia imperial ao palacio de Petropolis no dia 27.

Em um dos proximos numeros proseguiremos na descripção d'esta formosa estrada, desde o *valle da Posse*, onde a interrompemos para fallarmos da viagem dos soberanos do Brasil, até á estação do Juiz de Fóra, proximo da cidade de Parahybuna, que é o limite da mesma estrada. Faremos acompanhar essa descripção de gravuras das principaes obras d'arte, e dos sitios mais bellos e pittorescos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Mattas cortadas.

REGRAS DE BEM VIVER

Eis a receita do conde de Attouguia, João Gonçalves de Attaide, para se passar a vida bem, e sem inimigos:

Gorra descoberta
Ganha vontades:
Bolsa aberta
Conquista cidades:
Amor não concerta
Com desegualdades.